

REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ Instituições, História e Patrimônio Cultural

Patrimônio Histórico-Educativo: registrando a história institucional do Núcleo de Educação Infantil da Unifesp*Historical-Educational Patrimony: recording the institutional history of the Unifesp Early Childhood Education Center**Patrimonio Histórico-Educativo: registrando la historia institucional del Centro de Educación Infantil del Unifesp*

Peterson Mendes Paulino
Dilma Antunes Silva
Ana Paula Santiago do Nascimento

RESUMO

Este artigo resulta de um Projeto de Extensão que teve como mote a celebração dos 50 anos do Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação, da Universidade Federal de São Paulo, em que propuséramos uma discussão sobre o processo de (re)construção histórica do patrimônio educativo dessa instituição. Para tanto, apresentamos um conjunto de materiais portadores de memória que, ao serem analisados crítica e reflexivamente, oferecem indícios sobre o funcionamento da escola, suas principais mudanças e permanências, sobre quem eram e como se relacionam seus sujeitos, e ratificam a importância da guarda e preservação da memória de instituições escolares.

Palavras-chave: Patrimônio histórico-educativo; Narrativas; NEI-Paulistinha.

ABSTRACT

This article is the result of an Extension Project that had as its motto the celebration of the 50th years of the Early Childhood Education Center Nucleo – School of Education Paulistinha of the Federal University of São Paulo, in which we proposed a discussion about the process of historical (re)construction of the educational patrimony of this institution. To do so, we present a set of memory-carrying materials which, when critically and reflexively analyzed, offer clues

about the school's operation, its main changes and permanences, about who its subjects were and how they relate to each other, and ratify the importance of keeping and preserving the memory of school institutions.

Keywords: Historical-educational patrimony; Narratives; NEI-Paulistinha.

RESUMEN

Este artículo es resultado de un Proyecto de Extensión que tuvo como lema la celebración de los 50 años del Centro de Educación Infantil – Escola Paulistinha de Educación, de la Universidad Federal de São Paulo, en el que propusimos una discusión sobre el proceso de (re)construcción histórica del patrimonio educativo de la institución. Para ello, presentamos un conjunto de materiales portadores de memoria que, al ser analizados crítica y reflexivamente, ofrecen pistas sobre el funcionamiento de la escuela, sus principales cambios y permanencias, sobre quiénes fueron y cómo se relacionaron con sus sujetos, y ratifican la importancia de mantener y preservar la memoria de las instituciones escolares.

Palabras clave: Patrimonio histórico-educativo; Narrativas; NEI-Paulistinha.

Introdução

Este artigo resulta de um Projeto de Extensão intitulado “50 Anos da Paulistinha: partir da história”, realizado no período de agosto de 2020 a dezembro de 2022, que teve como objetivo a celebração dos 50 anos de existência do Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação (NEI-Paulistinha), da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Esse projeto contou com apoio institucional, via editais do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (Pibex/Unifesp), publicizados pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (ProEC). Espera-se, com esta divulgação científica, contribuir para o debate relacionado a processos de resgate histórico em instituições escolares, bem como de salvaguarda e transformações do patrimônio histórico escolar relacionadas a essas instituições.

A história do NEI-Paulistinha vem sendo rememorada, registrada e documentada por meio de diferentes ações de extensão e pesquisa, articuladas ao ensino e à formação de discentes e docentes nesses últimos três anos. Uma das primeiras ações alusivas aos 50 anos da Paulistinha foi a criação de um logotipo comemorativo, desenvolvido por um designer do Departamento de Comunicações Institucionais (DCI) da Unifesp. Em seguida, realizou-se: uma jornada de estudos sobre memória; ciclos de webinários nacionais e internacionais; reuniões científicas; cursos e eventos; um festival de desenhos envolvendo as crianças do NEI-Paulistinha; produção de livro;

capítulos de livros; artigos e divulgação científica em eventos da área da Educação. Concomitante à realização do Projeto intitulado “50 Anos da Paulistinha: partir da história”, está sendo desenvolvida uma pesquisa científica que busca reunir narrativas de diversos atores escolares de diferentes momentos históricos, a fim de que se possa obter um novo (re)enquadramento da história e da memória institucional da unidade escolar (POLLAK, 1989).

Dessas ações conjuntas, tem-se, além dos produtos já mencionados, a pretensão de publicação de outro livro, a realização de uma mostra de fotografias, bem como está em andamento a criação de um espaço de memória, documentação e pesquisa no NEI-Paulistinha. Tem-se, ainda, a possibilidade de indagarmos o passado, revisitá-lo e reunir, organizar e registrar informações que constam apenas na memória oral dos profissionais e de outros atores da comunidade escolar. Assim, acontecimentos e narrativas, ocultados pela dita história oficial da instituição, podem ser acessados e “trazidos à luz”, reivindicando um lugar nas disputas das narrativas da história dessa instituição.

Fotografias e materiais audiovisuais, registros administrativos, como atas de reuniões, memorandos e cadernos de matrícula, além de outros artefatos escolares, materializam concepções políticas e pedagógicas, saberes e práticas e constituem-se como importantes exemplares da cultura escolar dessa instituição (ROSA; TEIVE, 2016). Oferecem-nos indícios que revelam sobre o funcionamento interno da escola em diferentes épocas, as principais mudanças (e permanências) ocorridas ao longo do tempo, sobre os sujeitos (in)diretamente envolvidos nas ações que levaram à institucionalização e profissionalização (NASCIMENTO; ALVES, 2022) desse espaço, em sua origem, de assistência a crianças pequenas, configurando-se como creche em local de trabalho. Tomando por empréstimo as palavras de Rosa e Teive (2016, p. 426), os artefatos escolares, se concebidos enquanto “suportes da cultura escolar e como espaços de memória [...], podem desvelar indícios sobre as formas de pensar e desenvolver o ensino, o funcionamento interno da escola, suas práticas e apropriações”.

Daí a necessidade de salvaguardá-los como exemplares do patrimônio histórico-educativo, pois trazem em si a possibilidade de elucidar lacunas

existentes na narrativa oficial, bem como oferecem um elo entre o passado e o presente, explicitando continuidades, descontinuidades e evolução.

O trabalho de (re)construir o passado, conhecer e refletir sobre avanços, reveses e crises que impactaram não apenas no funcionamento da escola, como também na constituição de sua identidade (SILVA; FERREZIN, 2022), tem sido uma tarefa colaborativa que envolve estudantes de graduação, professoras da Paulistinha e pesquisadoras do GEPIEIFOP¹. Além disso, reforça o caráter indissociável entre o ensino, a pesquisa e a extensão universitária e ressalta o papel social, político e acadêmico do Núcleo, que é, além de campo para a educação de crianças pequenas, espaço privilegiado de formação acadêmica e profissional, que produz e socializa conhecimentos (RAUPP, 2002).

Paulistinha: cinco décadas de histórias (1971-2021)

A Paulistinha surgiu no início da década de 1970, de maneira improvisada (OLIVEIRA, 2019), para atender a uma demanda social de creche em local de trabalho, ficando nesse primeiro momento vinculada ao Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina (EPM). Os primeiros programas curriculares direcionados à educação infantil foram estruturados por enfermeiras e tinham como finalidade “proporcionar assistência integral nos primeiros anos de vida, [...] para a criança desenvolver todas as suas potencialidades” (PEREIRA; CARMAGNANI; SILVA, 2010, p. 193).

Marianna Augusto (1921-2020), principal idealizadora da “Comunidade Infantil”, primeiro nome que a escola recebeu, insistia na importância de se garantir condições adequadas e profissionais qualificados para o atendimento das crianças, visando seu “desenvolvimento físico, mental e social” e a “ampliação de experiências e de relacionamento” (FEIGE; AUGUSTO *apud* AUGUSTO, 1985, p. 16-17). Em suas palavras, se essas exigências não fossem plenamente atendidas, “os melhores anos da vida da criança [seriam] irremediavelmente perdidos” (FEIGE; AUGUSTO *apud* AUGUSTO, 1985, p. 17).

¹ Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Infância, Educação da Infância e Formação de Professores, da Unifesp.

Marianna Augusto foi importante figura na escrita inicial da história dessa escola. Com ela e depois dela, houve outros personagens de relevância, como a professora Catharina Maria Wilma Brandi (1927-2021), que ajudou na fase de implementação das classes primárias na década de 1990 e na instalação do Centro de Recreação e Ensino, “onde os filhos de funcionários [...] recebiam acompanhamento nos estudos, almoço e tinham várias atividades até a hora em que suas mães saíam do trabalho” (BRANDI, 2007).

Nessa época, mesmo já tendo sido criada oficialmente a Universidade Federal de São Paulo (1994)², a escola mantinha-se vinculada ao Departamento de Ações Comunitárias (DAC), inserido na conjuntura institucional como um setor de auxílio aos funcionários e alunos vinculados de alguma maneira ao Hospital São Paulo (HSP).

Até finais de 1990 e início dos anos 2000, as iniciativas referentes ao atendimento educacional nessa instituição buscavam evidenciar um “espírito social” (PEREIRA; CARMAGNANI; SILVA, 2010, p.169), no sentido de acolhimento às crianças, enquanto suas mães desenvolviam suas atividades laborais. Essas iniciativas podiam ser caracterizadas como “assistenciais”, pois buscavam prover as crianças com bem materiais de primeira ordem, e, ao mesmo tempo, como “acadêmicas”, visto a preocupação com questões relacionadas à aprendizagem e ao sucesso escolar.

Nesse período, a escola ainda participou de programas do governo federal, voltados à alfabetização de jovens e adultos e à capacitação de professores. Exemplo disso é a atuação da Paulistinha no Programa Alfabetização Solidária, coordenado pela então primeira-dama Ruth Cardoso:

Quando, por iniciativa da presidência da República, foi criado o Conselho da Universidade Solidária, presidido pela Professora Dra. Ruth Cardoso, a Escola foi convidada a participar e coube ao DAC esse trabalho. Ficamos por muitos anos trabalhando até terminar o projeto nos moldes em que foi formatado. Nosso trabalho foi com cidades do estado de Alagoas. [...] Uma professora daqui, com experiência pedagógica, ia até lá, em janeiro e em julho, entrevistava e mandava para São Paulo pessoas escolhidas entre as selecionadas pelas comunidades. Elas ficavam conosco por um mês. Ensinávamos tudo. [...] Muita gente não tinha o primário completo e nós devíamos prepará-los para alfabetizar! Trabalhamos também a questão de higiene, da saúde, um pouco de cultura. [...] Mas isso

²A Unifesp originou-se da Escola Paulista de Medicina (EPM), uma entidade privada fundada em 1933, cuja federalização ocorreu em 1956.

acabou junto com o governo do Dr. Fernando Henrique. A despesa era muito alta. Até tentamos alternativas, como, por exemplo, nossos professores irem para lá, mas não era esse o interesse da Dra. Ruth (BRANDI, 2007, p. 3-4).

Em algum momento da história, situado já próximo da primeira década dos anos 2000, a escola mantinha o discurso assistencial, porém com práticas que tendem a se aproximar de escolas privadas de classe média, com a adoção, por exemplo, de apostilas, festividades visando arrecadações financeiras, premiações e formaturas. Destaca-se, ainda, a inexistência de espaços de construção da gestão democrática, como o Conselho de Escola, e outras instâncias e instrumentos de fortalecimento da educação pública, gratuita, laica e de qualidade, como previsto na legislação educacional brasileira.

Entre vieses e reveses, tem-se, nesse espaço de tempo, a realização de festas de encerramento de ciclos escolares tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental, denominadas de “formatura”, com a utilização, pelas crianças, de becas e entrega de diplomas; além de concursos de “miss e mister caipirinhas” em festas juninas, entre outras práticas e ações condizentes com os anseios da comunidade atendida à época, amparadas por um conjunto de experiências, saberes e práticas acumuladas que foram constituindo a cultura escolar dessa instituição.

Somente anos mais tarde essas questões começaram a ser problematizadas. Em meados de 2014, a universidade, a partir da Resolução Consu nº 102, de 11 de junho, cria o Núcleo de Educação Infantil e o vincula à Reitoria, atribuindo-lhe como “missão [...] o oferecimento de educação infantil de qualidade [...], também servindo como campo de formação e estágio para alunos dos diferentes cursos e campi da Unifesp” (UNIFESP, 2014). Desta feita, a Paulistinha deixa de estar sob a gestão do DAC e, com isto, tem início uma importante fase de sua reestruturação e reorganização administrativa e pedagógica (NASCIMENTO; ALVES, 2022).

A inclusão da Paulistinha no organograma da universidade, com subordinação direta à Reitoria, representa não apenas uma alteração na estrutura institucional, como possibilita a essa unidade de educação básica construir, com a participação de diferentes atores, seu regimento escolar, seu projeto político pedagógico, traçar metas junto ao Plano de Desenvolvimento

Institucional (PDI) de universidade, constituir seu conselho de escola, eleger sua direção com a participação da comunidade escolar, contratar professores efetivos por meio de concurso público e (re)posicionar-se como creche/escola universitária e como lugar privilegiado para a produção e disseminação de conhecimento.

Dessa forma, e considerando que a história pregressa da Paulistinha, bem como a(s) memória(s) conhecida(s) e esquecida(s), que estavam sob o enquadramento de olhares externos, em geral, de sujeitos advindos da área da Saúde, o que se busca na atualidade é pôr em relevo o protagonismo dos próprios atores escolas (funcionários, crianças e famílias).

É importante destacar, conforme Oliveira (2019), que a história da Paulistinha inscreve-se em contextos de luta e reivindicações por melhores condições de trabalho e atendimento a demandas de mulheres-mães trabalhadoras, que necessitavam de um local seguro e próximo para o atendimento aos seus filhos. Com o passar dos anos, essa história foi se atualizando e se entrelaçando ao próprio movimento de transformação da educação e do direito das crianças à educação pública de qualidade, sem romper com essa origem, mas ressignificando o sentido de existência. A esse respeito, Smaili (*apud* SILVA *et al.*, 2022, p. 301-304) destaca:

A Paulistinha [...] representa uma conquista central na luta das trabalhadoras da saúde, além de significar e transformar uma parte importante da história e do orgulho da comunidade epemista e que veio a ser também unifespiana. [...] A pauta da Paulistinha e a mobilização pela Escola e pelo direito dos/das trabalhadores e das crianças, ganhou centralidade para o Movimento Plural e Democrático. [...] estabelecemos o compromisso de manter a Paulistinha, de não permitir o seu fechamento; que retomáramos a sua reorganização, trabalharíamos para fortalecê-la, garantiríamos a elaboração de planos pedagógicos em acordo com as novas diretrizes de ensino e aprendizagem, buscaríamos a adequação político-pedagógica de acordo com a legislação e em consonância com a Educação Pública.

A reflexão e (des/re)construção de imagens, narrativas e memórias sobre essa instituição escolar, no sentido dado por Motta (2013, p. 61) de um compromisso com “a fidelidade ao passado de que oferece testemunho” sem perdermos de vista os riscos de enquadramento dessa memória, como nos adverte Pollak (1986), tem se apresentado como uma possibilidade por meio

da pesquisa e da extensão, permitindo “revisitar o passado” a partir de inúmeras fontes, desconfiando destas e inquirindo-as (MOTTA, 2013), em busca de novos fatos, verdades, narrativas e experiências que possam ampliar a historiografia da Paulistinha.

Metodologia

Esta investigação adota a análise documental histórica e pesquisa bibliográfica como metodologia, conforme propõem Grazziotin, Klaus e Pereira (2022, p. 3). Segundo as autoras, acrescentar “o termo ‘histórica’ [...] à terminologia ‘análise documental’ [...] se justifica porque, no campo da Educação, as pesquisas cuja metodologia se caracteriza como análise documental nem sempre são de cunho historiográfico”. E, na continuidade, as autoras assim explicam:

Embora, na área da História, baste o nome ‘análise documental’— uma vez que, no ofício de historiador, um documento sempre será analisado na perspectiva histórica —, na área da Educação, a análise de um documento compõe uma infinidade de possibilidades e perspectivas. Assim, o termo documento é empregado para diferentes materialidades que podem, ou não, relacionar-se a uma pesquisa historiográfica (GRAZZIOTIN; KLAUS; PEREIRA, 2022, p. 5).

As diferentes ações do Projeto de Extensão se orientaram pelo enfoque historiográfico, com adoção de técnicas de metodologias participativas (rodas de conversa e rodas de histórias, construção de diagramas de sentidos, de linhas de tempo individual e coletivas e de um varal de memórias etc.), inspiradas na Tecnologia Social da Memória (TSM), desenvolvida pelo Museu da Pessoa, desde 2005, com o objetivo de “contribuir para tornar a história de cada pessoa valorizada pela sociedade [...]” e motivar “novas comunidades a contar a sua história” (MUSEU DA PESSOA, 2009, p. 67).

Acreditamos que a análise documental, associada à pesquisa bibliográfica, possibilitará, como ressaltam Grazziotin, Klaus e Pereira (2022, p. 11), a “escrita de uma História possível” sobre a Paulistinha.

São fontes documentais a serem analisadas: fotografias, atas, memorandos, entrevistas e outros depoimentos, que constituem importante fonte histórica para a preservação da memória e da história dessa instituição escolar. A partir da análise desses materiais, será possível compreender

melhor as mudanças, a contribuição social e o papel desta unidade escolar em contexto universitário (PAULINO; SILVA, 2022).

Arquivos, Memórias e Narrativas da/sobre a Paulistinha

No decorrer do Projeto de Extensão, buscamos evidenciar algumas ações voltadas à salvaguarda do patrimônio histórico-educativo, como propõe Meneses (2005 *apud* ROSA; TEIVE, 2016, p. 415):

[...] recuperar a memória da História da Educação regional, preservando todo o tipo de material e constituindo acervos documentais temáticos; disponibilizar um acervo documental com fontes impressas, manuscritas e iconográficas; [...] reconstituir a materialidade das rotinas e do cotidiano escolar [...]; recolher e catalogar materiais doados por instituições ou pessoas e, por fim, promover exposições e mostras sobre História da Educação.

Na continuidade, Rosa e Teive (2016, p. 415) destacam: “reconhecer a cultura material da escola como patrimônio histórico-educativo e salvaguardá-la como tal implica preservar, comunicar e interpelar os artefatos escolares como bens culturais”. Deriva daí a relevância acadêmica e social deste trabalho que, articulando ações de extensão e pesquisa, possibilita indagar o passado, inquirir diferentes materiais como fontes de informação “sobre os valores partilhados em determinado contexto, as representações sociais e as práticas escolares, que, nesse sentido, contribuem para a compreensão dos jogos que compõem a ‘caixa preta’ da escola” (ROSA; TEIVE, 2016, p. 416).

Paulino e Silva (2022), discorrendo sobre o processo para a constituição do Centro de Memória da Paulistinha, analisaram documentos encontrados no processo de levantamento e catalogação de fontes para o acervo institucional da Paulistinha, quais sejam: atas de reuniões (1991-1995), livro de matrículas (1989-1990) e álbuns fotográficos de diferentes épocas, os quais retratam distintas ocasiões (festividades, cerimônias com figuras políticas locais, atividades educativas, entre outras). Esses arquivos são “testemunhos vivos da vida institucional” (MENEZES; SILVA; TEIXEIRA JÚNIOR, 2005, p. 68) e apresentam indícios sobre disputas de narrativas e discursos alusivos à História da Educação e à história dessa instituição, além de ratificarem a importância da conservação da memória da escola.

Segundo Gusmão (2005), o trabalho arquivístico em instituições escolares está relacionado às recentes movimentações feitas pela historiografia educacional. Para Menezes, Silva e Teixeira Júnior (2005), o arquivo escolar contribui para a reconstrução e entendimento das práticas administrativas e pedagógicas de instituições escolares que buscam nesses arquivos o resguardo e o resgate de sua história.

Importa lembrar que, no processo de estabelecimento de centros de memória em instituições escolares, um dos principais elementos a serem considerados é a função social que lhes é atribuída, conforme explica Zaia (2012). A função social desse importante espaço de memória é o que o torna sensível ao contexto escolar onde está localizado (ZAIA, 2012). Tal proposição também é suscitada por Conceição (2017), ao evidenciar a importância da reunião dessa documentação para pesquisa da história institucional, das práticas de ensino, e da relação com outras disciplinas (CONCEIÇÃO, 2017, p. 212).

Outro ponto importante a destacar, segundo esses autores, refere-se aos desafios colocados na guarda e preservação de documentos e outros artefatos escolares. Esse fato nos interessa diretamente, tendo em vista os obstáculos que se evidenciam devido à própria estrutura da escola onde se instalará o Centro de Memória.

A análise dos materiais que comporão o Centro de Memória, Pesquisa e Documentação tem como ponto de partida o acervo fotográfico da Paulistinha³, que se encontra em processo de organização e catalogação. Para tanto, recorreremos às contribuições de Kossoy (2012) acerca dos princípios metodológicos de análise crítica de fontes fotográficas, de Burke (2017), quanto ao uso de imagens para compreender o passado e como recursos que “capturam aspectos da cultura material que seriam muito difíceis de serem reconstituídos de outra forma” (BURKE, 2017, p. 147), assim como as contribuições de Souza (2001) quanto ao uso de imagens para reconstrução da história. Para Souza (2001), a análise de fontes fotográficas pode contribuir para a preservação da identidade e da memória da escola, além de ajudar o(a)

³ Até o momento da escrita deste artigo, foram identificadas aproximadamente mais de 400 fotografias, divididas em álbuns e separados em caixas numeradas.

pesquisador(a) a evidenciar significados e laços emocionais e afetivos entre os sujeitos escolares.

Consideramos a relação entre arquivo e memória como indissociável, visto que estão impregnados de práticas e sentidos mnemônicos e rememorativos (BARROS; AMÉLIA, 2009), que constituem a identidade dessa escola e, portanto, mostram-se vivos e em constante reelaboração, possibilitando a continuidade e descontinuidade do que foi já narrado. A partir do acervo fotográfico da Paulistinha, identificamos momentos e acontecimentos que possibilitaram complementar algumas das memórias coletadas nos últimos trabalhos de pesquisas desenvolvidos, além de trazer outras formas de análise, a partir dos espaços, lugares e personagens inseridos nas memórias e nos arquivos da instituição.

Um exemplo dessa indissociabilidade entre memória e arquivos pode ser visto a partir da entrevista concedida por Catharina Brandi ao Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi) em 2007. Professora da Escola Paulista de Medicina (EPM), ingressou no quadro de docentes em 1952 e, dentre sua vasta experiência, atuou como diretora do DAC, no período de 1996 a 1999, a convite do então reitor da universidade, Prof. Dr. Hélio Egydio Nogueira⁴, na ocasião de seu primeiro mandato, contribuindo com a implantação de programas sociais. O depoimento de Catharina Brandi corrobora informações obtidas junto a diferentes profissionais que atuam no NEI-Paulistinha, a partir do achado e organização de diversos registros fotográficos.

Das memórias relacionadas à Paulistinha, Brandi cita algumas dificuldades vivenciadas enquanto ocupava a direção do DAC. Trechos de sua fala, transcritos a seguir, corroboram nossa percepção a respeito de diferentes momentos de reveses, crises e encaminhamentos que orientaram a organização da escola ao longo dos anos.

[...] Apesar das dificuldades, o reitor era taxativo, era necessário fazer serviço social. Ajudei na ampliação de um serviço já existente. A Escola Paulista tinha uma escolinha (berçário) excelente para os filhos dos funcionários e, na ocasião, já estava começando o curso primário. Tinha classes

⁴ Prof. Dr. Hélio Egydio Nogueira foi docente da EPM e reitor da Unifesp entre os anos de 1995 e 2003. É um personagem muito querido na Paulistinha, sendo seu nome e ações frequentemente lembrados pelos membros da comunidade escolar, epemista e unifespiana.

montadas, mas a escola não era reconhecida pela Secretaria de Ensino do Estado de SP. Esse foi o primeiro assunto a ser resolvido, pois sem reconhecimento os alunos não seriam aceitos em nenhuma outra escola para poder continuar os estudos. Não foi fácil. Trabalhamos bastante e conseguimos. Assumindo o compromisso feito com a comunidade. [...] Na Rua Francisco de Castro foi instalado o Centro de Recreação e Ensino, onde filhos de funcionários, alunos da Escola Paulistinha de Educação recebiam acompanhamento nos estudos, almoço e tinham várias atividades até a hora em que suas mães saíam do trabalho (BRANDI, 2007, p. 4).

Desse excerto, destacamos a ênfase no caráter assistencial que perdurou por anos em detrimento de um atendimento educacional ofertado de forma regular e sistematizada que conferisse à instituição o reconhecimento pelo órgão responsável pelos assuntos relacionados à educação no estado de São Paulo.

Nessa direção, o também Centro de Recreação e Ensino (CRE), que visava o atendimento das crianças, em caráter complementar, ao período regular de ensino, permaneceu sem o reconhecimento educacional necessário. Neste espaço, situado próximo à escola Paulistinha, eram desenvolvidas atividades recreativas como aniversários, brincadeiras, e de assistência estudantil. Como fruto dessa iniciativa, ainda hoje a escola atende crianças em turnos complementares na etapa do ensino fundamental e mantém os filhos e filhas de funcionários como beneficiários desse programa.

A partir da composição do acervo fotográfico do Centro de Memória da Paulistinha, foi possível rememorar esse período, reconhecido pela comunidade como um dos mais marcantes, visto que possibilitou um avanço na assistência e na qualidade de vida das crianças atendidas pela instituição. Nos álbuns avulsos⁵, foram encontrados registros fotográficos de eventos festivos ocorridos no espaço, além da comemoração do aniversário de dois anos de atividade do CRE.

Souza (2001, p. 81) afirma que as fotografias escolares contribuem para interrogar o presente e mostrar relações entre a comunidade estudantil, definidas pela autora como a “forma escolar” que as fotografias representam.

⁵ Os álbuns avulsos correspondem a fotografias que não estão separadas por assunto, sendo boa parte desses álbuns com fotografias aleatórias. Durante a análise do acervo fotográfico, identificamos alguns álbuns, sendo um destes da inauguração do CRE e do aniversário de dois anos de atividade do órgão.

Nesse acervo, encontramos fotos, em diversos álbuns, que registram a passagem da professora Catharina Brandi por momentos importantes da história da Paulistinha. Em um destes, a professora participa da inauguração de um consultório odontológico, além das festividades de formatura e eventos, como a I Olimpíada da Paulistinha, por exemplo, e da inauguração do Centro de Recreação e Ensino que levou seu nome.

Imagem 1 – Fotografia de Catharina W. Brandi (ao centro) na inauguração do Centro de Recreação e Ensino, na década de 1990



Fonte: Acervo do Centro de Memória da Paulistinha.

Ainda no acervo fotográfico, destacamos a coleção de fotos que retrata um período da Paulistinha definido por Oliveira (2019) como *A Época de Ouro da Paulistinha*⁶, ocorrida no começo da década de 1990. Esse período ficou marcado por uma situação financeira confortável em que a instituição se encontrava, graças à assistência que recebeu da Escola Paulista de Medicina (EPM) da Unifesp. Dentre os elementos que se fazem presentes nesse momento, estavam os berços da linha Giorgio Nicoli. No processo de organização, foram encontradas fotografias que mostravam os berços e os lugares dentro da instituição em que eram alocados. Ou seja, as fotografias possibilitaram uma reconstrução do cenário e de parte de um período na década de 1990 muito presente na memória de membros da comunidade da

⁶ De acordo com Oliveira (2019), partindo de relatos orais de funcionárias e mães da Paulistinha, esse período ficou marcado pela assistência aos alunos, e uma melhor condição financeira da instituição.

Paulistinha, como mostra uma entrevista feita em 20 de março de 2019 por Oliveira (2019) com Maria Goreti da Silva da Cruz, mãe de uma aluna que frequentou a instituição entre o final da década de 1980 e metade da década de 1990:

[...] Tinha cozinha e a nutricionista que orientava o pessoal, então nessa época, já não precisava mais trazer alimentação, nem leite, nem fralda. Os berços eram todos [da marca] Giorgio Nicoli. Os mais bonitos! Tudo dourado! [...] Era muito luxo, por isso que as pessoas falam que era época de ouro. Se eu falasse que precisava de tal brinquedo porque era importante para a estimulação da criança, eles compravam ou se precisasse oferecer um curso de *Shantala*, eles pagavam. Foi uma época em que se investiu muito nessa capacitação, nesse cuidado de EXCELENÇA. Creio eu que não encontraria isso nem nas melhores escolas. Isso durou um bom tempo. (OLIVEIRA, 2019, p. 198).

Entre as memórias e a materialidade, os berços mostram aspectos da cultura material escolar presente na Paulistinha nesse período. É interessante notar que boa parte das fotografias organizadas e catalogadas até esse momento são da década de 1990, sendo possível encontrar muitas fotos que mostram os berços, evidenciando os lugares, espaços utilizados e reconstruindo a memória do período vivido.

Imagem 2 – Berçário na década de 1990



Fonte: Acervo do Centro de Memória da Paulistinha.

Um outro momento significativo da Paulistinha foi a aquisição de seu prédio próprio. Uma mudança que acarretou um misto de sentimentos na

comunidade atendida, como se pode observar, a partir da análise de uma das suas atas de reuniões:

[...] Algumas mães com dúvidas perguntaram: 1) Com o prédio novo haverá mais vagas? R: Não, pois mudaremos com o mesmo número de vagas e crianças. 2) Haverá o 1º grau? R: Não está nada definido. 3) Para o próximo ano haverá mais vagas para a Classe de Educação Assistida? R: Dependerá do espaço físico e da autorização da diretoria. 4) Como ficará o plantão? R: Normal como sempre foi, no prédio novo ficará instalado no 1º andar (PAULISTINHA, 1994, p. 30).

Havia preocupações em torno da oferta de vagas, se haveria ou não ampliação do atendimento para classes de alfabetização e quanto ao “plantão” (como se referia à época a extensão do horário funcionamento da escola em função do horário de trabalho das mães), para garantir que todas as crianças fossem providas de cuidado enquanto as mães trabalhavam.

As imagens abaixo constam em álbuns de fotografias que registram a mudança de um prédio para o outro, revelando sua imponência.

Imagens 3 e 4 – Fotografias do Prédio da Paulistinha em 1994 e nos anos 2000, respectivamente



Fonte: Acervo do Centro de Memória da Paulistinha.

É importante notar que na fachada da Imagem 4 consta o nome da escola como Escola Paulistinha de Educação Infantil e 1º Grau, o que pode ter contribuído para os questionamentos da comunidade quanto à capacidade de atendimento, bem como quais etapas de ensino seriam ofertadas. Em 1997, ocorre a alteração da nomenclatura para Escola Paulistinha de Educação; como justificativa, a Resolução Consu nº 11, de 19 novembro, apenas cita o

artigo 21 da Lei de Diretrizes e bases da Educação (LDB nº 9.394/1996), que trata da composição da educação escolar.

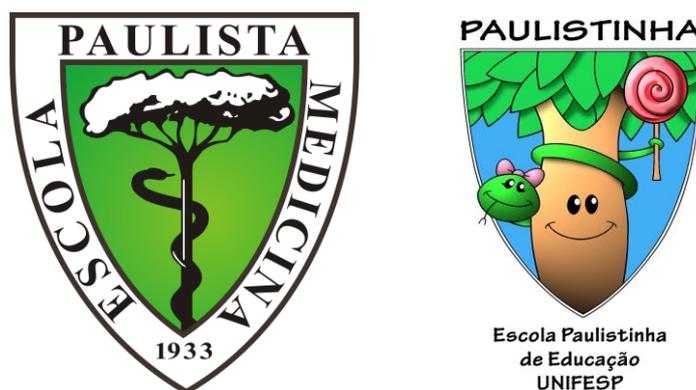
A imponência do prédio novo representou uma nova fase da Paulistinha, com a reestruturação e ampliação de espaços que, de acordo com Oliveira (2019, p. 211), “foram cuidadosamente pensados”. Ainda segundo a autora, com base nos depoimentos coletados para sua pesquisa, a inauguração do prédio teria ocorrido no ano de 1995. Entretanto, identificamos em uma ata de reuniões de 1994 que havia uma previsão de mudança para o novo local a partir de 8 de agosto daquele ano, referindo-se à primeira fase da inauguração do prédio.

Em nossa pesquisa, descobrimos registros indicando que a mudança da Paulistinha ocorreu em pelo menos duas fases, sendo uma em 1994 e outra posteriormente, em caráter permanente, em 1995, como cita Oliveira (2019). As fotografias desse período estão presentes no acervo fotográfico do NEI-Paulistinha em um álbum inédito, datado do dia 3 de outubro de 1994, com o título “Inauguração 1º Fase - 03 - 10 - 1994”. Esse achado é importante, pois nos ajuda a “juntar os fios da trama, com diferentes representações e lugares de fala, muitas vezes lacunar” (OLIVEIRA, 2019, p. 217).

Além do acervo fotográfico da instituição, outros documentos, de diversos gêneros e em suportes variados, revelam marcas da transformação da Paulistinha ao longo dos anos. Destacamos o *Livro de Matrículas da Comunidade Infantil (1989-1990)*, do qual foi possível obter dados inéditos sobre a transição da comunidade infantil para Escola Paulistinha de Educação e que exigiu, entre outros aspectos, a criação de uma imagem institucional que possibilitasse sua identificação e cujo simbolismo remetesse à sua origem. Assim, ainda na década de 1990, foi criada uma nova identidade visual para a Paulistinha, com adoção de um logotipo inspirado no da EPM. De acordo com Silva (2012, p. 1):

O logotipo da Escola Paulistinha de Educação foi criado e desenhado por mim em 1997. Quando me pediram para criar o logotipo pensei em criar algo que fosse associado diretamente ao emblema da Escola Paulista de Medicina. Aproveitando os símbolos já existentes no emblema da EPM, estiliziei o jequitibá e a serpente, dando a este um traço cartunizado e infantil para que melhor se adequasse ao seu propósito.

Imagem 5 – Logotipos da EPM e da Escola Paulistinha de Educação



Fonte: Silva (2012), via Departamento de Comunicação Institucional da EPM.

Ao percorrermos arquivos que narram e preservam a história da Paulistinha, evidenciamos a imprescindível relação entre arquivo e memória (BARROS; AMÉLIA, 2009) e compreendemos a importância das narrativas e do resgate de acontecimentos. Em concordância com Cunha (2015), desse processo revelam-se continuidades ou descontinuidades referentes a múltiplos espaços, relações e práticas em diversas temporalidades. Assim, os diversos registros que compõem o acervo revelam a cultura material e imaterial da escola, sugerindo “diferentes possibilidades para o estudo das relações entre escola, alunos, professores, diretores” [...] bem como, tornam-se “campo de apropriações e criação, podendo conjugar espaço à memória, tanto escolar, quanto pessoal e familiar, construídas em múltiplas temporalidades” (CUNHA, 2015, p. 295).

Na Paulistinha, a dimensão trazida pela memória, pelas narrativas e pelos arquivos produz uma maior compreensão não somente da história institucional, mas possibilita a reconstrução do patrimônio histórico educativo. Outro apontamento feito por Cunha (2015) mostra que a consolidação de um centro de memória nessa instituição não é algo completamente isolado, pois os acervos escolares:

[...] propiciam estudos de cunho histórico nos quais são observados e analisados o crescente movimento de constituição de acervos escolares, pelos quais se procura escrever a História da Educação brasileira a partir de bases empíricas e diálogos teóricos sob diferentes aspectos (CUNHA, 2015, p. 295).

Considerações

A partir da realização do projeto de extensão, do acesso a diferentes narrativas e memórias das fundadoras e de funcionárias da Paulistinha, bem como de uma variedade de arquivos institucionais, tem sido possível a tarefa de reconstrução de sua história e do seu patrimônio educativo. Nesse processo, novas histórias foram não só registradas, como resguardadas. Abre-se, portanto, a possibilidade de pensarmos a função social de um Centro de Memória, Pesquisa e Documentação ligado à escola básica. Com a consolidação desse espaço, novas formas de pensar o uso dos arquivos em sala de aula, por exemplo, podem ser evidenciadas articuladas à promoção e reconstrução permanente da história do NEI-Paulistinha.

A partir das memórias e narrativas, conseguimos reconstruir e olhar sob outras perspectivas, uma história ainda em disputa que permanece também em registro e reconstrução. Também foi possível, com as memórias, narrativas e os arquivos do centro de memória, uma aproximação visual e espacial dessas memórias e narrativas, permitindo mais uma vez rememorar esses momentos – contribuições também são trazidas no sentido de mostrar as transformações na cultura escolar e na Paulistinha como instituição, desde a adoção de um novo nome a um logótipo institucional para construir ali sua própria identidade.

É relevante observar a importante e duradoura relação entre a Paulistinha e a Escola Paulista de Medicina (EPM) e a Escola Paulista de Enfermagem (EPE), o que lhe rende possibilidades de articulações profícuas voltadas ao campo da formação de profissionais e pesquisadores na área da Saúde, em interface com a Educação. Por fim, vale mencionar que, além do uso dos arquivos do Centro de Memória da Paulistinha em sala de aula, pensado como uma forma de evidenciar seu uso social, é pensado, para o projeto, a realização de uma mostra com as fotografias, fazendo assim uma divulgação do acervo institucional da Paulistinha.

Referências

BARROS, Dirlene Santos; AMÉLIA, Dulce. Arquivo e memória: uma relação indissociável. *Transformação*, v. 21, n. 1, p. 55-61, jan./abr., 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tinf/a/B5P5nQBTvRBJV7Rpq8hGDfh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 dez. 2023.

BRANDI, Catharina Maria Wilma. História de vida. [Entrevista cedida a Suzana Lopes Salgado Ribeiro, Dra. Márcia Regina Barros da Silva e Yuri Bittar]. *CeHFi*, 2007. Disponível em: <https://cehfi.unifesp.br/not/catharina-maria-wilma-brandi>. Acesso em: 29 dez. 2022.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. Centro de Pesquisa Documentação e Memória no Espaço Escolar e Possibilidades para o ensino de História. *Instrumento*, v. 18, n. 2, p. 211-219, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18987>. Acesso em: 29 dez. 2022.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Acervos Escolares: olhares ao passado no tempo presente. *História da Educação*, Porto Alegre, v. 19, n. 47, p. 293-296, set./dez. 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/58105/pdf_104. Acesso em: 29 dez. 2022.

FEIGE, Elisabeth Brigitte; AUGUSTO, Marianna. Escola Maternal. In: AUGUSTO, Marianna. *Comunidade Infantil: creche*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985. p. 16-19.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi; KLAUS, Viviane; PEREIRA, Ana Paula Marques. Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. *Pro-Posições*, v. 33, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0141>. Acesso em: 8 jan. 2023.

GUSMÃO, Emery Marques. Arquivos Escolares, Memória e Cultura. *Patrimônio e Memória*, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/34/399>. Acesso em: 31 dez. 2022.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

MENEZES, Maria Cristina; SILVA, Eva Cristina Leite da; TEIXEIRA JÚNIOR, Oscar. O Arquivo Escolar: lugar de memória, lugar de história. *Horizontes*, v. 23, n. 1, jan./jun. 2005. Disponível em: https://lyceumonline.usf.edu.br/webp/portalUSF/edusf/publicacoes/RevistaHorizontes/Volume_03/uploadAddress/horizontes-8%5B6257%5D.pdf. Acesso em: 29 dez. 2022.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. História, Memória e as disputas pela representação do passado recente. *Patrimônio e Memória*, v. 9, n. 1, p. 56-70, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/334>. Acesso em: 31 dez. 2022.

MUSEU DA PESSOA. *Tecnologia Social da Memória*. Para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. AbraVideo/Fundação Banco do Brasil, 2009. Disponível em: <https://museudapessoa.org/pub-metodologia/cuarderno-de-formacion-tecnologia-social-de-la-memoria/>. Acesso em: 8 jan. 2023.

NASCIMENTO, Ana Paula Santiago do; ALVES, Luciana. Reconhecer-se como uma creche/escola universitária: institucionalização e profissionalização docente. In: SILVA, Dilma Antunes *et al.* *50 anos da Paulistinha (1971-2021): conquistas, memórias e desafios*. São Carlos: Pedro & João, 2022. p. 239-258.

OLIVEIRA, Rosana Carla de. *Paulistinha, a creche universitária da Unifesp: a construção identitária de uma história multifacetada (1971 a 1996)*. 2019. 230 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Paulo, EFLCH, Guarulhos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/59534>. Acesso em: 29 dez. 2022.

PAULINO, Peterson Mendes; SILVA, Dilma Antunes. Patrimônio Histórico Escolar: o Centro de Memória, Pesquisa e Documentação da Paulistinha. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo*, v. 4, p. e49129, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/9129>. Acesso em: 24 mar. 2023. DOI: <https://doi.org/10.47149/pemo.v4.e49129>

PAULISTINHA. Ata do dia 4 de abril de 1994. *Livro de Atas*, 1994.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

RAUPP, Marilene D. *Educação Infantil nas universidades federais: questões, dilemas e perspectivas*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2002.

ROSA, Maristela da; TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. Manuais didáticos como Patrimônio Histórico-Educativo: artefatos da cultura material escolar. *Roteiro*, v. 41, n. 2, p. 407-430, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9859>. Acesso em: 8 jan. 2023.

SILVA, Stars-Mars de Vasconcelos. *O Logotipo da Paulistinha*. Humor na Saúde. 2012. Disponível em: <http://humor-na-saude.blogspot.com/2012/10/logotipo-da-paulistinha.html> Acesso em: 4 jan. 2023.

SILVA, Dilma Antunes; FERREZIN, Lilian. Escola da infância e extensão: diálogos, desafios e possibilidades. *Extensão em Foco*, n. 27, ago. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/81399>. Acesso em: 23 ago. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ef.v0i27.81399>

SMAILI, Soraya Soubhi. Posfácio. In: SILVA, Dilma Antunes *et al.* *50 anos da Paulistinha (1971-2021): conquistas, memórias e desafios*. São Carlos: Pedro & João, 2022. p. 299-306.

SOUZA, Rosa Fátima de. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. *Educar em Revista*, v. 17, n. 18, p. 75-101, dez. 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/32819>. Acesso em: 28 dez. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Conselho Universitário (Consu). *Resolução nº 11, de 19 de novembro de 1997*. Altera a denominação da Escola Paulistinha. Unifesp, São Paulo, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Conselho Universitário (Consu). *Resolução nº 102, de 11 de junho de 2014*. Cria o Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação da Universidade Federal de São Paulo. Unifesp, São Paulo, 2014.

ZAIA, Iomar Barbosa. O lugar do arquivo permanente dentro de um centro de memória escolar. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 5, n. 2, p. 153-174, 10 fev. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38650>. Acesso em: 29 dez. 2022.

Recebido em: 17/01/2023.

Aceito em: 22/02/2023.

Peterson Mendes Paulino

Graduando em História na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/Unifesp), Bolsista do Projeto de Extensão “50 anos da Paulistinha: partir da história” (Edital PIBEX/Unifesp 185/2022) e Membro Associado da Associação Amigos do Patrimônio e Arquivo Histórico (AAPAH).



peterson.paulino@unifesp.br



<http://lattes.cnpq.br/4102784199391600>



<https://orcid.org/0000-0002-0672-2069>

Dilma Antunes Silva

Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), atuando no Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação. Coordenadora do

Projeto de Extensão “50 anos da Paulistinha: partir da história”.



antunes.dilma@unifesp.br



<http://lattes.cnpq.br/9961242002156872>



<https://orcid.org/0000-0003-1475-3532>

Ana Paula Santiago do Nascimento

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), professora na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), atuando no Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UNIFESP Campus Guarulhos). Vice-coordenadora do Projeto de Extensão “50 anos da Paulistinha: partir da história”.



ana.santiago@unifesp.br



<http://lattes.cnpq.br/7554373389118020>



<https://orcid.org/0000-0001-5276-4262>